

## A GRAMÁTICA E A LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA: QUE CAMINHOS SEGUIR?

Tadeu Luciano Siqueira Andrade<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO:

Quando falamos em gramática, vem à nossa mente, um conjunto de regras que, ao longo de nossa vida escolar, constitui em um manual que nos ensina a falar e escrever corretamente. Mas essa concepção ainda persiste tanto na sociedade como na escola. Por isso, é comum ouvirmos afirmações como os alunos não sabem gramáticos, o ensino da língua vai mal porque os alunos não sabem gramáticos, por isso escrevem, falam mal. Como resolver esses questionamentos? Primeiro, é necessário saber de que gramática estamos falando e que gramática estamos ensinando nas aulas de língua, no nosso caso, a língua portuguesa.

Com o advento da linguística nos cursos de letras, alguns questionamentos surgiram mais ainda. Muitos professores, devido a uma má interpretação do papel da linguística no estudo da língua, propalaram a idéia de que a gramática não devia ser mais ensinada, porque desenvolvia nos alunos uma visão preconceituosa e excludente. Vale também ressaltar que até, a inclusão da linguística nos cursos de letras, o ensino era fundamentado na gramática Greco-latina, difundíamos a visão de Dioniso da Trácia, de Apolônio, dos sábios da Alexandria entre outros.

Apesar de a linguística ser uma ciência nova, em relação à gramática, ela é ainda pouco conhecida no meio acadêmico. Muitos professores confundem a linguística com a gramática, Outros, adeptos da gramática Greco-latina, muito mais antiga que a linguística, consideram esta última como uma ameaça à língua. Por ser, segundo eles, uma ciência que considera tudo correto e permite qualquer desvio no que se refere aos “erros gramaticais” dos falantes que não dominam a utópica norma culta. Tal visão, portanto, demonstra que ainda hoje a linguística é vista de forma preconceituosa, conseqüência, sem dúvida, do desconhecimento sobre o que é linguística e seu papel no estudo da

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Ciências Humanas (DCH IV), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus da cidade de Jacobina.

língua. Dessa forma, é oportuno falarmos sobre a linguística e a gramática e suas implicações no ensino.

Nesta comunicação, pretendemos abordar duas questões importantes, que estão presentes em todos os momentos na nossa missão de professor de língua: qual a relação entre gramática e linguística? Em que consiste a inter-relação linguística e gramática no ensino. Partindo desses questionamentos e outros que por ventura, ocorram, três palavras-chaves direcionam nossa argumentação: gramática – linguística e ensino.

### **1. Gramática – aspectos históricos**

A gramática, que conhecemos hoje, foi criada no século IV a.C. pelos sábios gregos que nos primórdios iniciaram seus estudos e discussões acerca da linguagem humana, considerando as duas correntes que investigavam a linguagem. De um lado, os convencionalistas que consideravam a linguagem como uma convenção, um acordo entre os homens; de outros os naturalistas, que defendiam a linguagem se divina, uma reprodução fiel à natureza e por isso, era imutável. Ao longo de sua existência histórica surgiram as primeiras classes de palavras, os primeiros estudos acerca do discurso, com a clássica divisão do discurso em nome e verbo, hoje, retomada posteriormente como sujeito e predicado. Foi na Grécia, onde surgiu o primeiro tratado gramatical, a obra de Dionísio da Trácia. Os estudos dos gregos foram aperfeiçoados pelos romanos e na Roma antiga, surgiram também outras gramáticas, como as obras de Apolônio, Donato e Prisciano. Os sábios de Alexandria defendiam a hipótese de que as línguas, assim como os impérios, passavam por três em seu desenvolvimento: um período que corresponde à formação. Nesse período, a língua, ainda de forma pobre e rude, é falada pela classe popular, camponeses, soldados, um período no qual a língua se encontra em fase de desenvolvimento, surgindo grandes autores. Por isso, são chamados de clássicos; e um período de decadência, em que a língua começa a se *degenerar*, ou transformar. Neste período, a produção literária em declínio na sua qualidade, por exemplo, o latim em Roma, passando por três estágios: arcaico, clássico e tardio. No latim arcaico, temos a língua do período da fundação de Roma, por exemplos, os soldados, os pastores, a classe rude. No período clássico, corresponde ao império, quando surge a necessidade de organizar a vida político-cultural de Roma, citamos os grandes oradores, juristas,

prosadores. Havia a necessidade de uma língua culta, erudita, a exemplo da eloquência de Cícero, para estabelecer as regras, os gramáticos precisavam certificar-se de quais versões de um mesmo texto clássico iriam utilizar na vida sócio-política e a própria organização das leis. Daí surge o valor dado à norma de prestígio, como se fosse a única forma de falar corretamente, e a gramática vista como uma disciplina que guardava a língua das formas “incorretas” e procuravam resguardar os textos clássicos.

Com a expansão do império romano, o latim foi se expandindo, convivendo com outras línguas, sofrendo transformações. Para os puristas, nesse momento, o latim começa a entrar em declínio. Esse fato, na verdade, trata-se de um processo de transformação ou dialeção em convívio com as outras línguas adquire outras modalidades, característica das línguas naturais.

Com este esboço histórico, justificamos o caráter normativo, tradicional, ou a disciplina do *certo/errado* que a gramática conserva na atualidade está ligado diretamente ao seu caráter histórico e normativo.

### **A linguística – Primeiros estudos**

A história da linguística está ligada diretamente à história da gramática. Na antiguidade Greco-latina, os estudos acerca da linguagem, eram de caráter meramente descritivo-normativo. A preocupação desses estudos era apenas descrever a língua, não se falava em ciência da linguagem, tampouco em descrição científica. Tudo que era inerente à língua era da competência da gramática. A gramática fixou-se como a disciplina, determinando quais formas da língua são corretas e quais não, sempre, considerando, é claro, a linguagem usada pelos falantes eruditos.

Daí, a inter-relação linguística e gramática. Três fases caracterizam a evolução da linguística até o seu estatuto de ciência, com objeto de estudo e metodologia definidos. **Na primeira fase**, destacamos o surgimento dos primeiros estudos gramaticais, tendo como precursor Platão, Aristóteles, os estóicos, Dionísio da Trácia, Donato e Prisciano em Roma, Panini na Índia com a descrição fonética do sânscrito. Essa fase vai dos primórdios até o século XVII, o século das gramáticas gerais. Esse período é marcado pela busca do falante ideal, a gramática era vista como uma máquina que possa separar o que válido e o que é. **Na segunda fase**, temos a contribuição da filologia, com a

preocupação de resgatar os escritos das diferenças épocas, buscando uma reconstituição da língua no seu aspecto histórico-cultural, por isso, eram estabelecidas tendo por critério o uso que os grandes autores, ou seja, os “clássicos” fizeram da língua. Para descrever essas regras, os gramáticos precisavam certificar-se de quais versões de um mesmo texto clássico utilizariam, considerando que as obras clássicas apresentavam distâncias no aspecto temporal, por vários séculos, havia diferentes variantes de um mesmo texto, como também determinadas partes de uma determinada obra devido à mudança linguística com o tempo, havia se tornadas obscuras. Para estabelecer a forma mais fiel e próxima ao original de uma obra antiga, como também para esclarecer o significado de suas passagens mais obscuras, os sábios de Alexandria criaram também outra disciplina, chamados Filologia. Mas para determinar dentre as várias versões de uma obra era a mais confiável, os filólogos recorriam às da gramática, tendo em vista que, por tradição clássica, os notáveis escritores escreviam bem e, por isso, não violavam as normas da língua clássica não cometem erros de gramática. Dessa forma, as prescrições gramaticais eram estabelecidas fundamentadas nos dados fornecidos pela filologia, e a reconstituição das obras literárias feita pelos filólogos dependia das regras da gramática. Conforme o exposto, a gramática normativa e a filologia mantinham vínculo.

Outra fase importante na história da linguística foi a fase da gramática comparada, corresponde ao século XIX, com suas gramáticas comparadas (cf. ORLANDI, 2004, p. 11). Nesta fase, graças ao trabalho dos neogramáticos, descobre-se que as línguas apresentavam semelhanças entre si. Esse período tem métodos e perspectivas diferentes do século XVII, a preocupação aqui não é mais o falante ideal, mas sim as transformações por que passa a língua com o tempo. Enfatizamos o trabalho de F. Bopp, ao comparar o sânscrito com o grego, latim, persa, germânico. Sua obra marca o nascimento da linguística histórica. Ante o exposto, a história da linguística ainda numa visão descritiva, passou por três fases distintas: a **fase das gramáticas** – surgem, como já vimos, os primeiros estudos acerca da gramática, a busca do falante ideal, a preocupação em preservar a língua; na segunda, temos os estudos da **filologia**, com a reconstituição da história das palavras, e na terceira fase, destacamos o método **histórico-comparativo**, o grande legado dos neogramáticos. Assim, considerando esta súpula história, percebemos que a história da linguística está associada à história da gramática e da filologia.

## A LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ATUAL

### Revisitando Saussure

Do século XIX até o início do século XX, os estudos acerca da língua estavam ancorados no método histórico-comparativo. Predominava a comparação entre as diversas línguas de uma mesma família, observando-se também a evolução de um estado da língua para outro estado da mesma língua. Com os estudos de **Ferdinand de Saussure**, novas abordagens surgem em torno das investigações acerca da língua. Para Saussure, podemos estudar uma língua por ela mesma, sem se preocupar com a sua evolução, ou suas transformações no tempo. Definindo a língua como um sistema, composto por subsistemas, era susceptível de análise e compreensão por meios de relações de identidades e oposições. Por isso, o trabalho de Saussure estabeleceu que a língua em funcionamento opera em dicotomias, a saber: o *significante* o *significado*, a *sincronia* e a *diacronia*, o *sintagma* e o *paradigma*, a *langue* a *parole*. Vale ressaltar que essas dicotomias apresentam diferenças, mas para a análise da língua há entre elas uma identidade, por exemplo, a *langue* é a linguagem seu aspecto social, ou a língua como instituição social que permite ao homem sua compreensão, sua integração no meio em que vive que se dá, por intermédio da *parole*, que é a fala, em outras palavras, a língua em funcionamento. Elas não são estanques, ao contrário se complementam. Posso fazer um estudo sincrônico sem precisar do diacrônico, mas não posso fazer o contrário, pois para descrever a língua precisa situar em um dado momento seja presente ou passado. Nesse caso estou utilizando a sincronia.

Com o reconhecimento da linguística como a ciência da linguagem, definindo seu objeto e métodos de estudo, houve uma separação entre a linguística e a gramática, uma vez que até então a descrição da língua, era da competência gramática. A linguística ainda estava para *nascer*. Houve uma cisão: De um lado, a Gramática Normativa, com seus próprios padrões, suas próprias normas, considera o referencial, o padrão a ser seguido. Por outro lado, a Linguística descrevendo suas normas gramaticais como inadequadas ou adequadas aos eventos lingüísticos, ausente de qualquer forma considerada como padrão a ser seguido.

A Gramática Normativa seria a lei que prescreve o certo ou errado no uso da língua. Uma lei para ser eficaz precisa ser reformulada, considerando as transformações sociais, se assim não fosse, por exemplo, estaríamos vivendo sob a égide da Constituição de 1967 editada no auge do Governo Militar. As normas definidas pela gramática tradicional ao longo de sua existência necessitam ser reformuladas, atendendo as mudanças que ocorrem na língua materna. A Linguística, não exclui a gramática como muitos professores defendem, sendo ela a ciência que descreve a partir de uma visão e métodos científicos as alterações da língua considerando o espaço social, as circunstâncias e os falantes no processo comunicativo. Neste pequeno ponto, encontramos a separação entre linguística e gramática.

### **A integração da linguística com outras áreas do conhecimento**

Nenhuma ciência por si só é capaz de descrever seu objeto de estudo isoladamente. Por isso, recorre a outras ciências seja para comprovar suas hipóteses, seja para complementar seus estudos, ou refutar idéias pré-definidas. Sendo a língua uma instituição social, um acervo lingüístico e uma realidade sistemática e funcional, como definiu Saussure, justificamos que outras ciências sociais podem ajudar na descrição científica da língua em uso. Citemos algumas ocorrências, a variação do pronome **tu** e **você** no português do Brasil palavras a descrição da realização um fenômeno linguístico no espaço geográfico, por exemplo, a realização do fonema /r/ em porta e polta recorre à Dialetoлогия, por se tratar de uma marca linguística delimitadora de uma região linguística no Brasil, sul de São Paulo e norte do Paraná, como também o uso do pronome **tu**, marca do falar sulista e **você**, típico da região Nordeste. Tal fato é explicado através do processo de colonização.

A sociolinguística que estuda a variação linguística considerando os fatores sociais, a variável diacrônica que situa o fenômeno linguístico no tempo. Trata-se, portanto, a linguística de uma ciência que interagindo com outras ciências justificam os mecanismos linguísticos não só da variação e mudança, mas também do uso.

Também vale ressaltar o surgimento de diversas teorias linguísticas que mostraram outras abordagens do estudo da linguística, a começar pelo estruturalismo saussuriano, sem perder de vista a língua como um sistema devidamente estruturado, a gerativismo de

Chomsky, que se preocupou em descrever as estruturas linguísticas, considerando a competência e a desempenho até o funcionalismo de Halliday, Givon, Hopper e outros que se preocuparam com a análise das estruturas linguísticas dentro de um contexto de uso, é a língua em funcionamento dentro de uma perspectiva semântico-discursivo-pragmática.

### **A Linguística e o ensino: velhos problemas e novos desafios**

Falar no ensino de língua portuguesa implica necessariamente falar em linguística, pois não se concebe um ensino de língua materna que desconsidere os pressupostos teórico-metodológicos da linguística. Antes de tudo, é necessário considerarmos que a linguística não é *tábua de salvação* para os problemas de ensino da língua materna, porque ensinar língua é também um ato político e não somente linguístico. Vivíamos um ensino pautado no ensino da norma padrão que considerava a língua como um bloco homogêneo, estático, na ilusão de que as regras da gramática normativa davam conta da língua em funcionamento. Mas isso constituiu ao longo do tempo uma metodologia de ensino contraditória no que diz respeito à língua em funcionamento. Na verdade, a gramática reproduz uma modalidade da língua, que não é usada em todas as situações comunicativas. Com a chegada das classes populares à escola, na década de 60, houve uma transformação no ensino da língua, em que muitos professores ainda não estavam preparados para a compreensão da língua do contexto sociocultural dessa clientela, e passaram a rotular o falar das classes menos favorecidas como uma linguagem errada, repetindo os mesmos conceitos da tradição gramatical. O falar diferente passou a ser considerado como um falar deficiente, o que constitui uma atitude de preconceito, desconhecimento da variação linguística, colocando o outro em um patamar de inferioridade linguística, como já afirmava Magda Soares na década de 80. A linguística não surgiu para aniquilar a gramática ou abolir seu ensino, mas para descrever cientificamente fatos que a gramática não dá conta.

Quando o aluno chega à escola já é portador de um conhecimento linguístico que usa em interação com o seu meio social com seus pares. Qual o papel da escola diante deste conhecimento linguístico?

Deve o professor partir de três pressupostos?

- 1) O primeiro corresponde à concepção de gramática que deve ser trabalhada na escola?
- 2) O segundo que tipo de ensino deve ser desenvolvido nas aulas de língua?
- 3) Em que contribui a linguística para o ensino da língua?

**A esses três questionamentos, à guisa de conclusão responderemos:**

Devemos arrancar a noção de gramática como uma norma, e sim como um conjunto de sistemas que organizam o **funcionamento** da língua, incorporando na gramática a pragmática, ou seja, a teoria funcionalista. A escola deve considerar três concepções de gramática: **gramática como um sistema organizado** e um conjunto de variantes que estão à disposição dos falantes para que este se expresse e organize o seu discurso, isto uma gramática que está sempre em processo de construção, surgindo das necessidades comunicativas do falante. É a gramática emergente de Hopper; **Gramática Normativa**, conjunto de normas a seguidas e exigidas no contexto social, baseada na tradição. A escola deve preservar essa gramática, mas não a colocar como o centro das aulas de língua portuguesa, nesse caso, um tipo de ensino. Vale também enfatizar que esses tipos de gramáticas correlacionados com tipos de ensino, se interrelacionam, como ilustramos:

**Gramática dos usos** – considera à fala usuário, é dinâmica corresponde ao **ensino produtivo**. Não altera padrões linguísticos já adquiridos, mas os aperfeiçoa para que o aluno domine a mais alta escala de potencialidades de sua língua.

**Gramática da norma** – consiste em demonstrar como a língua funciona, mostrando como usar e quais as variantes mais adaptada ao contexto discursivo, considera que a mesma norma varia de acordo com a coletividade e situações, consiste esta gramática no binômio adequado/inadequado. A esse tipo de gramática se associa o **Ensino descritivo** que está relacionado à norma no sentido de normal, e não no sentido de prescrição.

Por último, temos a **gramática do sistema** que é a forma idealizada, instituída por questões político-sociais e culturais, baseada na noção de certo e errado, difundido pelo **ensino prescritivo**. Seria o último tipo de ensino a ser desenvolvido nas aulas de língua, uma vez que nesse estágio, o aluno já domina outras habilidades linguísticas, domina a estrutura do sistema da língua e já pode fazer suas escolhas de acordo com os padrões



sociais, sem perder de vista a sua língua que usa no seu cotidiano, como tão bem dizia Manoel Bandeira:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusíada

A escola não deve se negar o direito de ensinar a norma padrão até mesmo por questões políticas, culturais. Ao aluno não deve ser negado o direito de acesso aos bens culturais e à cidadania. O que nós, professores de língua, não devemos fazer é considerar uma variante linguística superior à outra. Temos, portanto, a responsabilidade de ensinar não a língua portuguesa a nossos alunos, pois, eles já a sabem, ensinamos apenas uma variante linguística que, como já dissemos, por questões históricas, sociopolíticas, foi considerada como a correta, mas para a linguística não há nenhuma forma melhor do que outra em termos da função comunicativa da linguagem. Vejamos o que diz o pernambucano Paulo Freire, em entrevista à Folha de S. Paulo, quando secretário de educação do Município de São Paulo na gestão de Luiza Erundina. Os argumentos de Paulo Freire acerca do ensino da norma padrão, são mal interpretados por aqueles leigos que desconhecem o que realmente é ensinar a norma padrão:

“Agente cheguemos” não será uma construção errada?

Os trechos da entrevista nos quais a Folha de São Paulo se baseou para fazer tal comentário foram as seguintes:

“A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...). Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua (...).

“Esses oito milhões de meninos que vêm da periferia do Brasil (...). Precisamos respeitar a sua sintaxe, mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa; às vezes, é mais bonita que a minha. E mostrando tudo isso, dizer a ele: Mas para tua própria vida, tu precisas dizer ‘ a gente

chegou' em vez de dizer 'a gente chegamos'. Isso é diferente, 'a abordagem é diferente'. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade".

É relevante salientar a forma como o ensino de língua é abordado nos Documentos Oficiais e nos livros didáticos, Muitas vezes, encontramos apenas uma mudança de terminologia, mas as práticas são as mesmas. Falamos em análise linguística, contudo a abordagem é de cunho puramente gramatical. Usamos o texto para ensinar a gramática, porém, recorremos às nomenclaturas, exceções, regras da gramática, usando o texto como pretexto para ensino de gramática. Assim, o texto não está sendo utilizado como uma organização discursiva pragmática. De que adianta, por exemplo, trabalhar com o conceito de conjunções, elementos de ligação entre orações no texto, analisando apenas o aspecto sintático, se não descrever a função semântico-argumentativa, discursivo-pragmática desses elementos coesivos no discurso. Estão, assim, ensinando a gramática pela gramática. Diante do exposto, e na tentativa de concluir, apenas estes questionamentos, pois as questões acerca da linguística gramatical e ensino não se esgotam em apenas um seminário, cabe ao profissional de letras conhecer a linguística na sua dimensão histórica, política, cultural associada sempre ao estudo da língua em uso, sem perder de vista sua importância para a descrição dos fenômenos gramaticais. Dessa forma, estaremos fazendo o que Evanildo Bechara defendeu no seu opúsculo *ENSINO DE GRAMÁTICA: Opressão ou Liberdade?* Pois, ensinar o português é tornar o aluno poliglota de sua própria língua, isto é, em todas as suas variantes. Não podemos perder de vista jamais que língua culta, língua padrão e língua popular são mistérios a serem desvendados no ensino de língua em uma sociedade heterogênea, dinâmica e adaptadas às evoluções históricas, políticas e culturais, como poeticamente, dizia Drummond:

A linguagem

na ponta da língua,

tão fácil de falar

e de entender.

A linguagem

na superfície estrelada de letras,

sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,

e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, equipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.  
Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima.  
O português são dois; o outro, mistério.

## **REFERÊNCIAS**

- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. Gramática e linguística: Problemas e Perspectivas. In. Revista **Entrelinhas**, 2002. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino de Gramática: Opressão? Liberdade.** São Paulo. Ática, 2000.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Ensino de Gramática: proposta de interação.** São Paulo: Cortez, 1998.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática Funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que Gramática ensinar na escola?** São Paulo: Contexto, 2004.
- ORLANDI, Eni. **linguística.** São Paulo: Brasiliense. 1999.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática?** São Paulo: Mercado das Letras. 2000
- SAUSSURE. Ferdinand. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix. 1999.
- VALENTE, André. **A linguagem nossa de cada dia.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- WANDERLEI, Ítala. **Recursos Lingüísticos e Metodológicos do Ensino do Português.** Recife-PE: SEC. 1986.